

A NUÁRIO ' 2023

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2022 | ANO 45 | Edição 309 | R\$ 45,00



A força do agro brasileiro

Mesmo em períodos de adversidade o agronegócio brasileiro manteve o crescimento sendo responsável por grande fatia do PIB nacional



EXPORTAÇÕES

Em 2022 o Brasil conquistou mercados importantes como México e ampliou a presença em Singapura, Filipinas, Uruguai e Chile



CRÉDITO RURAL

Crédito rural a pessoas físicas tem impulsionado o crescimento nas cooperativas de crédito e possibilitam acesso ao financiamento



PANORAMA DA SUINOCULTURA

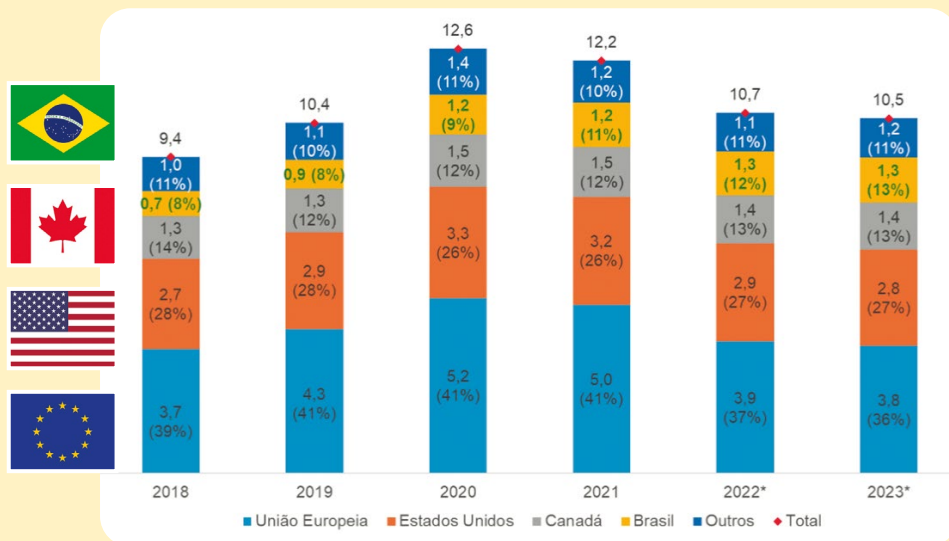
A suinocultura brasileira continua atingindo patamares recordes de produção e ganhando destaque nas exportações mundiais, passando de 8% dos volumes em 2018 para 12% em 2022, com previsão de atingir 13% em 2023

Por **Marcelo Miele, Franco M. Martins**¹

desempenho da suinocultura brasileira e do mundo em 2022 foi determinado pela redução da participação da China no comércio internacional de carne suína tendo em vista a recuperação da sua produção após o impacto sofrido com a Peste Suína Africana (PSA). Os altos custos de produção decorrentes sobretudo dos patamares elevados de preços do milho e do farelo de soja que vinham desde o ano anterior também foram cruciais para se compreender o

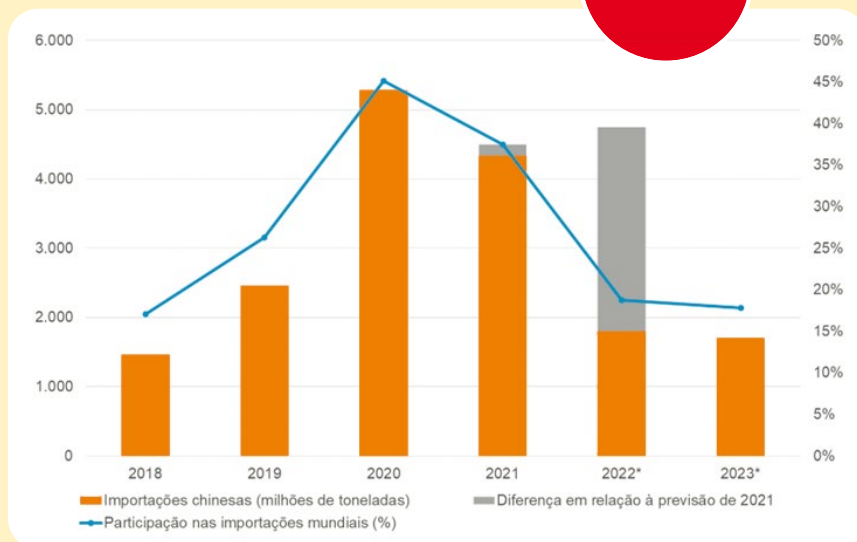
ano que se encerra. Os preços destes importantes insumos da ração animal foram impactados tanto por eventos climáticos quanto geopolíticos como a guerra na Ucrânia que encareceu o preço dos fertilizantes e reduziu a oferta global de grãos. Nesse cenário adverso, a produção no Brasil foi duramente afetada e absorveu prejuízos em boa parte do ano. Apesar disso, a suinocultura brasileira recuperou margens no segundo semestre de 2022 e manteve trajetória de ampliação da sua participação no mercado internacional.

Figura 01. Exportações de carne suína, milhões de toneladas e porcentagem do total entre parênteses



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2022, disponível em www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex)

Figura 02. Importações de carne suína pela China



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de USDA (2022, disponível em apps.fas.usda.gov/psdonline/).
* Previsão de outubro de 2022

MUNDO

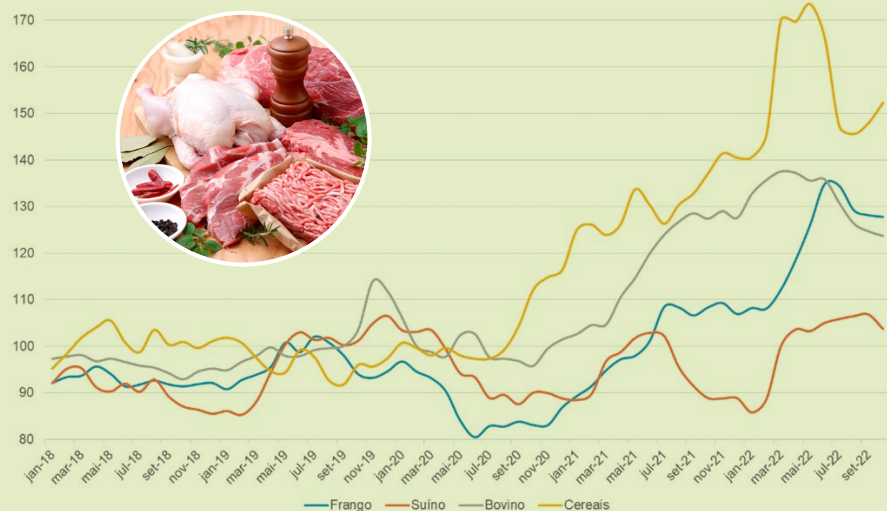
Em 2021 e 2022 houve recuperação da produção mundial de carne suína, que atingiu 110 milhões de toneladas, patamar ainda 2% inferior ao verificado em 2018 antes da PSA (-2,1 milhões de toneladas). Mesmo após uma redução acumulada de 3 milhões de toneladas nos últimos quatro anos (-6%), a China foi, em 2022, o principal país responsável pela retomada,

com 46% da produção mundial de suínos. Os maiores produtores que ocupam da segunda à quinta posição ampliaram a oferta desde 2018 em 1,1 milhão de toneladas. Porém os Estados Unidos e, sobretudo União Europeia, reverteram trajetória de expansão, produzindo 1,18 milhões de toneladas a menos em 2022 do que em 2021 (-2% e -4%, respectivamente). O Brasil e a Rússia ampliaram a produção de forma significativa desde 2018, com +16% e +20%, respectivamente (USDA, 2022, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>). A previsão do USDA aponta para a continuidade desse processo de recuperação em 2023 a partir da produção chinesa (+2%), brasileira (+1,6%) e estadunidense (+0,7%), e apesar de novo recuo na produção da União Europeia (-0,4%). Em função da restrição de oferta acima escrita, o consumo em 2022 ainda é inferior ao verificado em 2018. A carne de frango foi o principal substituto como fonte de proteína animal, com um aumento de 8,1 milhões de toneladas (+9%) no mesmo período, com a China respondendo por um terço desse aumento. O aumento consumo de carne bovina na China é ainda mais emblemático como retrato da mudança no país asiático, reforçado pelo menor consumo no resto do

mundo (USDA, 2022, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>).

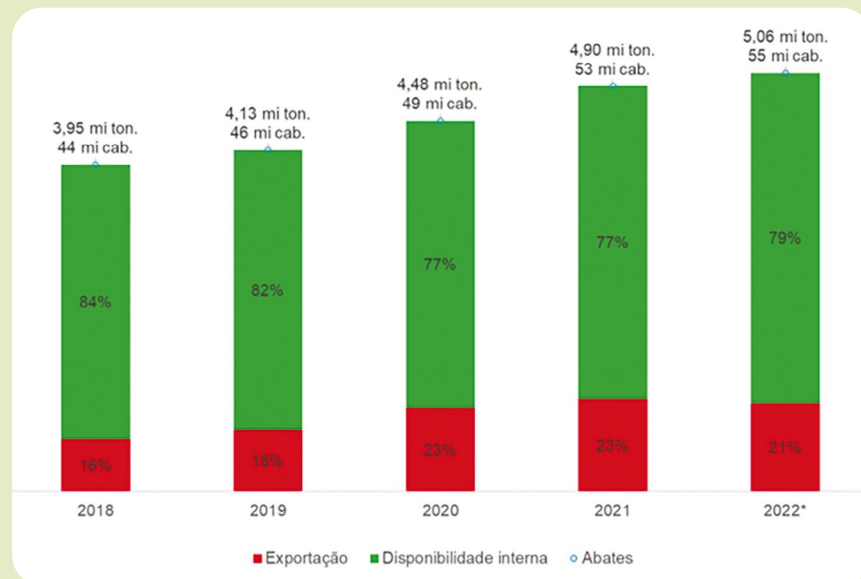
Assim como na produção e no consumo, ocorreu uma reversão de tendência no comércio internacional de carne suína a partir do final de 2021 e durante 2022 com uma queda de 1,8 milhão de toneladas nesse biênio (-15% em relação a 2020), mas ainda em níveis superiores aos verificados antes da PSA. Se até 2021 a principal beneficiada foi a União Europeia (UE), que absorveu até aquele ano quase metade da ampliação do comércio internacional, em 2022 o bloco econômico voltou praticamente aos mesmo volume exportado antes da PSA, porém com uma menor participação de mercado. Estados Unidos e Canadá também praticamente retornaram aos níveis de 2018 e com participação de mercado estável ou levemente declinante. O Brasil por sua vez apresentou um acréscimo de aproximadamente 600 mil toneladas (quase metade do aumento do comércio internacional de carne suína nos últimos quatro anos), com o significativo aumento percentual de 80% neste período (Figura 3). As importações chinesas foram determinantes para o aumento dos volumes exportados entre 2018 e 2020 e também para a queda do comércio global de carne suína em 2021 e 2022. Após triplicar suas importações em dois anos, passando de 17% para 45% das importações mundiais entre 2018 e 2020, ocorreu uma queda nas importações chinesas em 2021 e sobretudo em 2022 com o país asiático voltando a um patamar de 19% das importações, semelhante ao período anterior à PSA (Figura 2). Importante é comparar as

Figura 03. Índices de preços das carnes e dos cereais no mundo (2014-2016 = 100)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de FAO (2022, disponível em www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex)

Figura 04. Abates de suínos e disponibilidade interna e exportações de carne suína no Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2022, disponível em sidra.ibge.gov.br/tabela/1093) e Agrostat (MAPA, 2022, disponível em indicadores.agricultura.gov.br/agrostat).

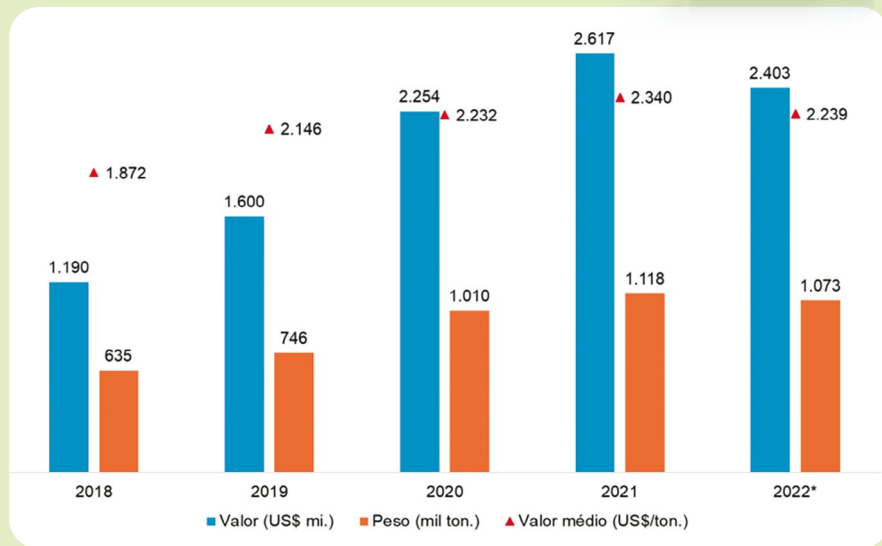
* Estimativa anual a partir do crescimento dos abates verificado entre jan. e jun./2022 e das exportações entre jan. e out./2022 em relação a iguais períodos do ano anterior.

estimativas do USDA há cerca de um ano e as estimativas atuais, as quais foram drasticamente reduzidas.

As mudanças no mercado internacional tiveram impacto na elevação dos preços das carnes. No caso da carne suína, porém, o segundo semestre de 2021 representou uma sig-

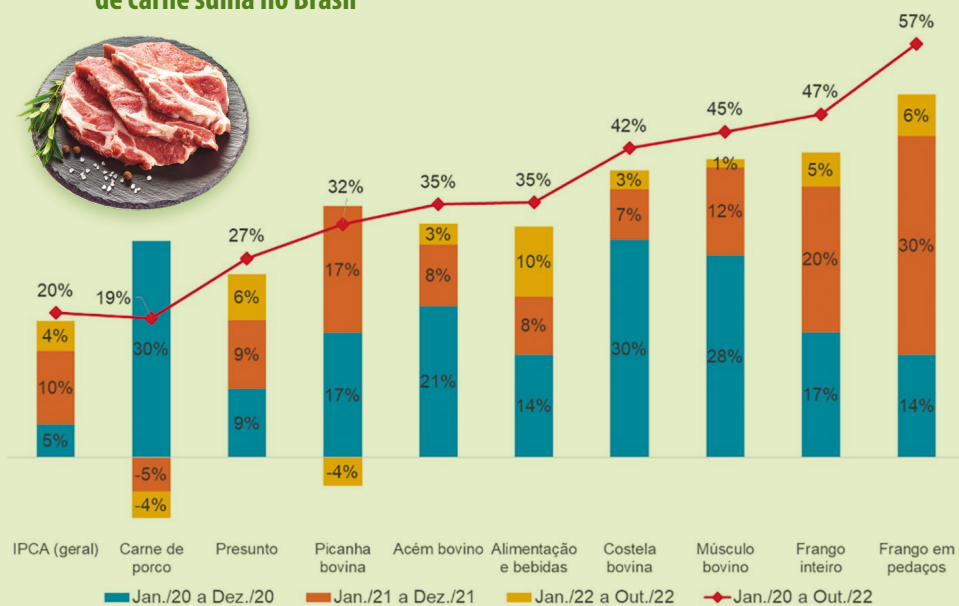


Figura 05. Exportações brasileiras de carne suína



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Agrostat (MAPA, 2022, disponível em indicadores.agricultura.gov.br/agrostat).
* Estimativa anual a partir do crescimento verificado entre jan. e out./2022 em relação ao mesmo período do ano anterior

Figura 06. Abates de suínos e disponibilidade interna e exportações de carne suína no Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2022, disponível em sidra.ibge.gov.br/tabela/7060)

nificativa queda que perdurou até o início de 2022, com os preços internacionais se recuperando aos níveis mais altos verificados há três anos (Figura 5). Apesar disso, esse movimento de recuperação foi insuficiente frente às pressões de custos vindas dos preços dos grãos que seguem em patama-

res elevados. O aumento combinado na demanda e nos custos de fertilizantes, aliado à guerra na Ucrânia e a eventos climáticos na EU e na China tiveram impacto nos preços internacionais dos grãos (Figura 3) e, conseqüentemente, nos custos de produção de frangos, suínos e bovinos em confinamento. Além disso, o preço da carne suína não acompanhou a tendência de preços crescentes das carnes bovina e de frango, ao menos até o final do primeiro semestre de 2022. Em relação à COVID-19, um dos principais impactos da pandemia no consumo e no mercado mundial de carnes foi a elevação nos custos dos fretes marítimos refrigerados que continuam em trajetória ascendente, ao contrário dos fretes marítimos em geral. Permanecem no entanto as incertezas decorrentes da política de Covid zero e seus desdobramentos na atividade econômica e nas importações da China.

BRASIL

A suinocultura brasileira continua atingindo patamares recordes de produção e ganhando destaque nas exportações mundiais,

passando de 8% dos volumes em 2018 para 12% em 2022, com previsão de atingir 13% em 2023 (USDA, 2022, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>). Estes números evidenciam que o Brasil respondeu à crescente demanda internacional puxada pelos efeitos dos surtos de PSA na

Ásia e pelos preços internacionais da carne suína até 2020, conseguindo até ampliar sua participação no mercado global em 2021 e 2022 apesar da reversão de tendências de alta nos valores e volumes, gerando receitas cambiais decrescentes mas ainda assim acima dos dois bilhões de dólares (Figuras 4 e 5).

China e Hong Kong têm sido o principal motor das exportações brasileiras, atingindo 66% dos embarques em 2021. Porém a redução de mais de 170 mil toneladas nos dez primeiros meses de 2022 (-31%) implicou em menor concentração das exportações brasileiras nestes dois destinos, cuja participação se reduziu para 49%. Entre os demais parceiros comerciais em 2022 destacam-se importantes países asiáticos como

Filipinas, Singapura, Vietnã e Tailândia que em conjunto duplicaram os volumes embarcados passando a absorver 20% das exportações brasileiras.

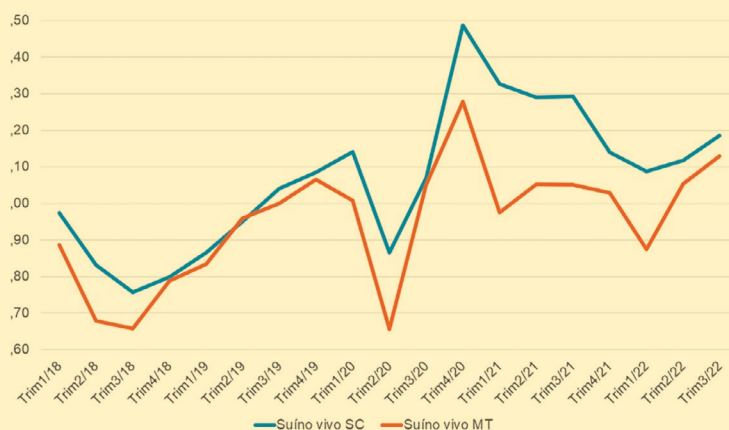
O Mercosul também ampliou os volumes embarcados absorvendo 8% do volume exportado pelo Brasil, ao contrário do Chile que reduziu suas compras. Também

deve-se destacar a maior participação de outros países como Japão, Geórgia, Rússia, Estados Unidos, Coreia do Sul, Congo e Porto Rico, reforçando a noção de desconcentração das exportações em relação ao mercado chinês (Agrostat/MAPA, 2022, disponível em <https://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/>).

Apesar do Brasil ter se saído melhor do que seus principais concorrentes no mercado internacional, a reversão nos volumes e nos preços exportados em 2022 refletiram no setor. O abastecimento interno que vinha perdendo participação desde 2018 até 2021, voltou a se elevar em 2022 para 79% do total produzido (Figura 6), com o consumo per capita entre 17

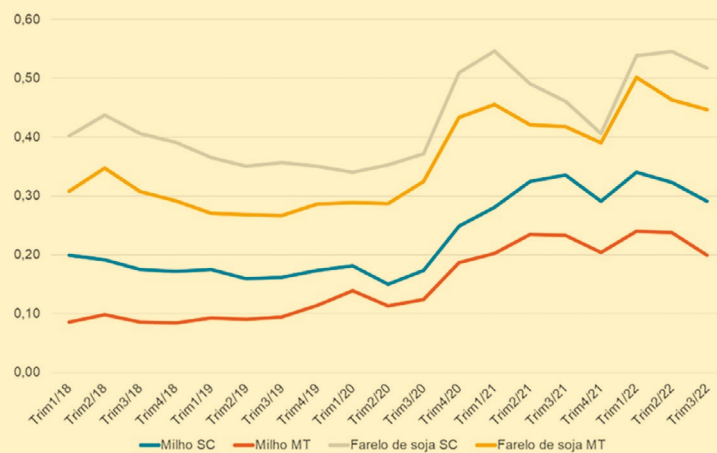


Figura 07. Preço do suíno vivo em MT e SC (US\$/kg vivo)



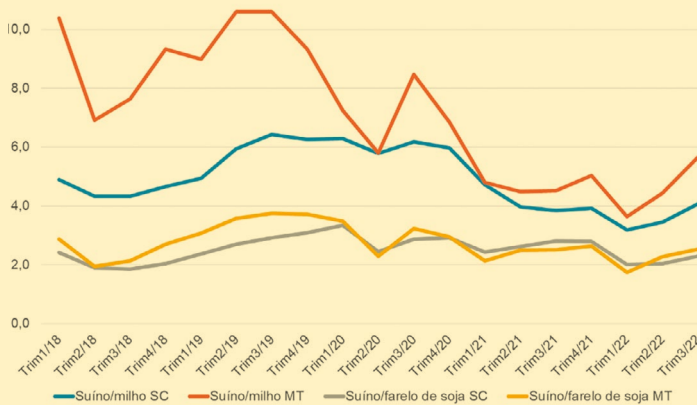
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Cepa/Epagri (2022) e Imea (2022)

Figura 08. Preço do milho e do farelo de soja no atacado em MT e SC (US\$/kg)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Cepa/Epagri (2022) e Imea (2022)

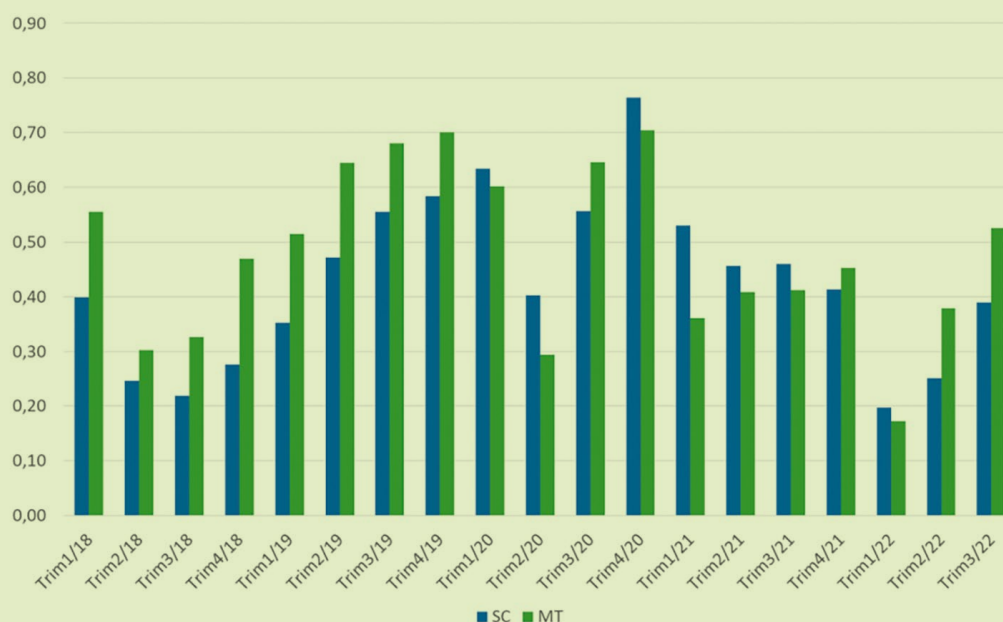
Figura 09. Relação do preço do suíno vivo no mercado independente com o preço do milho e do farelo de soja no atacado em MT e SC



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Cepa/Epagri (2022) e Imea (2022)



Figura 10. Margem bruta calculada a partir do preço do suíno vivo no mercado independente e custo com milho e farelo de soja em Mato Grosso e Santa Catarina (US\$/kg vivo)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Cepa/Epagri (2022) e Imea (2022). * Considerou conversão alimentar de 2,5 kg de ração por kg vivo

e 18 kg por ano (ABPA, 2022, disponível em <https://abpa-br.org/mercados/>; Conab, 2022, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/>). Com isso, os preços da carne suína no varejo vem se reduzindo ano a ano após os recordes alcançados em 2020, com uma inflação acumulada inferior à inflação de alimentos e bebidas e muito distante do aumento de preços verificado das carnes de frango e de alguns cortes bovinos (Figura 8).

Acompanhando o valor médio das exportações e o preço da carne suína no varejo, verificou-se desde o início de 2021 até meados do primeiro semestre de 2022 uma queda praticamente contínua nos preços do suíno vivo, tanto em Dólares (Figura 7) quanto que em Reais. Essa tendência se reverte a partir do segundo semestre de 2022, com a retomada dos embarques para a China e outros mercados e a sazonalidade do consumo interno, com elevação dos preços do suíno vivo desde então. O mesmo ocorreu com o valor médio das exportações de carne suína que vêm se recuperando desde o segundo trimestre de 2022, passando

de USD 2.168 por tonelada no início do ano para USD 2.400 no final do ano, representando um aumento de 12%.

Do lado dos custos, também verificou-se um recuo nas cotações do milho e do farelo de soja a partir de meados do primeiro semestre de 2022, tanto em Dólares (Figura 8) quanto que em Reais, revertendo o cenário desolador do início do ano. Após aumentos expressivos do preço do milho em Dólares em 2020, 2021 e início de 2022, a entrada da safra 2021/2022 permitiu uma acomodação nas cotações, porém em patamares elevados em função das exportações que quase duplicaram, da demanda interna para alimentação animal e também para crescente produção de etanol, com estoques de passagens suficientes para menos de 2 meses de consumo. O farelo de soja segue as cotações da oleaginosa, com crescente demanda no país e no mercado internacional (Conab, 2021, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/>). A guerra na Ucrânia impactou sobremaneira nos custos de produção para a próxima safra e, no caso do milho, tornou o Brasil uma das principais alter-

Tabela 01. Custo de produção de suínos em ciclo completo no mercado independente (R\$/kg vivo).

Item do custo	2021	2022		
	Média do ano	1º trim.	2º trim.	3º trim.
Mato Grosso*				
Alimentação	4,44	4,80	4,62	4,44
Outros	0,54	0,49	0,51	0,53
Mão de obra	0,15	0,17	0,17	0,17
Depreciação	0,32	0,32	0,32	0,32
Custo de capital	0,22	0,22	0,22	0,22
Total	5,67	6,00	5,84	5,68
Paraná**				
Alimentação	5,57	6,20	5,66	5,79
Outros	0,72	0,75	0,81	0,74
Mão de obra	0,21	0,22	0,22	0,22
Depreciação	0,16	0,17	0,18	0,30
Custo de capital	0,22	0,23	0,22	0,33
Total	6,88	7,57	7,09	7,38
Rio Grande do Sul***				
Alimentação	5,58	6,36	6,17	6,24
Outros	0,71	0,85	0,87	0,82
Mão de obra	0,21	0,21	0,21	0,21
Depreciação	0,15	0,17	0,17	0,29
Custo de capital	0,23	0,18	0,18	0,25
Total	6,88	7,77	7,59	7,82
Santa Catarina**				
Alimentação	5,64	6,34	5,99	6,09
Outros	0,69	0,71	0,77	0,72
Mão de obra	0,22	0,22	0,22	0,22
Depreciação	0,16	0,17	0,18	0,30
Custo de capital	0,22	0,22	0,23	0,32
Total	6,93	7,67	7,39	7,66

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Embrapa Suínos e Aves e Conab para os três estados da região Sul e Embrapa Suínos e Aves, Imea e Acrismat para Mato Grosso.

* Conversão alimentar de rebanho: 2,6 e desmamados/fêmea/ano: 28,3.

** Conversão alimentar de rebanho: 2,8 e desmamados/fêmea/ano: 25,1¹.

¹Para melhor refletir o aumento de eficiência na suinocultura, a partir de 2023 serão atualizados os coeficientes técnicos para a região Sul do país com conversão alimentar de rebanho de 2,5 e desmamados/fêmea/ano de 28,6.

nativas de suprimento para países importadores. Assim, os dois principais insumos na produção de suínos ainda estão em patamares elevados, com uma relação de troca entre o preço do suíno vivo no mercado independente e o preço do milho e do farelo de soja no atacado ainda desfavorável em

termos históricos, porém em recuperação (Figura 9). Essa relação de troca reduziu as margens de agroindústrias e cooperativas exportadoras e sobretudo dos produtores independentes em 2021 e início de 2022, com recuperação a partir do segundo semestre deste ano (Figura 10).

Além do milho e do farelo de soja, praticamente todos os demais itens de custo de produção como energia elétrica, óleo diesel e fretes rodoviários, bem como o custo de construções e equipamentos, também têm pressionado as margens na cadeia produtiva e exerceram pressão no sentido de reduzir as margens na suinocultura, conforme levantamento de custos de produção (Tabela 1) nos três estados da região Sul realizado pela Embrapa Suínos e Aves em parceria com a Conab (disponível em www.embrapa.br/suinos-e-aves/) e em Mato Grosso em parceria com o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) e a Associação de Criadores de Suínos de

Mato Grosso (Acrismat) (disponível em www.imea.com.br/). Em relação ao câmbio, deve-se destacar que a desvalorização do Real tem sido preponderante para a rentabilidade das exportações brasileiras, com a cotação do Dólar americano aumentando 76% entre janeiro de 2018 e dezembro de 2021.

Por outro lado, a taxa de câmbio também amplificou a inflação em Dólares no mercado internacional do milho e do farelo de soja em 2021. No primeiro semestre de 2022 ocorreu significativa valorização da moeda nacional com o Dólar recuando -9%, amenizando o aumento do preço dos grãos, seguido de um aumento de 4% entre junho e outubro, quando as cotações já vinham recuando. A moeda americana deve fechar o ano em R\$5,25, com expectativas de se manter neste patamar em 2023 (BCB, 2022, disponível em <https://www.bcb.gov.br/>). Desta forma, pode-se afirmar que em 2022 o câmbio teve um papel estabilizador não verificado no ano anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As projeções econômicas para o Brasil e o mundo não são otimistas no que tange o crescimento do PIB, sobretudo em função dos ajustes a serem feitos no orçamento federal brasileiro, do combate à inflação nos Estados Unidos e na Europa e da mudança estrutural da economia chinesa. Além disso, ainda restam incertezas quanto aos impactos na atividade econômica e no comércio mundial da política de tolerância zero em relação à pandemia de COVID-19 na China, tendo em vista que apesar do surgimento de novas variantes do novo coronavírus, o cenário futuro aparentemente é de normalidade em relação à doença. No plano interno, 2023 aponta para o enfraquecimento do poder aquisitivo das famílias, apesar de menor inflação, e desemprego, tendo em vista menor nível de remuneração do trabalho assalariado e a elevada taxa de juros que afeta a demanda. Por outro lado, o fato de a carne suína ter apresentado menor crescimento nos preços do que as demais carnes, se tornando mais atrativa para o consumidor brasileiro, deve sustentar seu consumo doméstico. A recuperação dos preços do suíno vivo e do valor das exportações verificada no segundo semestre de 2022 deve se manter no próximo ano em que pese o excesso de oferta nos principais países exportadores, inclusive no Brasil, e o aumento da produção na China. Por outro lado, o descarte de matrizes no rebanho nacional reduziu parcialmente essa pressão de baixa sobre os preços, e a abertura do Canadá e do México para a carne suína brasileira, que se configuraram em potenciais mercados, assim como os maiores embarques para a Ásia, tendem a sustentar as cotações internas. Do lado dos custos, o milho e o farelo de soja encontram-se em patamares ainda elevados em função dos custos de produção impactados pela guerra na Ucrânia, da demanda crescente da China que vem recuperando seu rebanho da PSA e também dos baixos estoques de passagem. Esse cenário deve se manter em 2023. Porém há expectativas de recorde na produção de milho no Brasil e de soja em toda a América do Sul. Se as mesmas se confirmarem, poderá haver uma redução nos custos das rações. Assim como no ano anterior, as incertezas para 2023 são, portanto, de ordem climática (oferta de milho e farelo de soja e custo da ração), macroeconômica (controle da inflação e da dívida pública), comercial (demanda chinesa e novos mercados e impacto no preço da carne suína) e sanitária (contenção dos casos de PSA e de gripe aviária nas Américas). ⁴¹

⁴¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves

AMARAL

NUTRI AMBIENTAL
Alimentação Animal

Qualidade e pioneirismo
na fabricação de
Farelo de Bolacha



A Amaral Nutri Ambiental ao transformar ingredientes da indústria alimentícia em coprodutos para alimentação animal participa ativamente de um importante elo na cadeia de **Desenvolvimento Sustentável** contribuindo com a preservação do meio ambiente e a segurança alimentar.



AMARALNUTRI.COM.BR

MATRIZ
Av. dos Imigrantes, 6776
Bragança Paulista - SP
(11) 4882.9927

FILIAL
Rua Rodolpho Hatschbach, 825
Curitiba - PR
(41) 3268.7621